

EM MOVIMENTO

TAMBOLELÊ

MARIANA PIMENTA

Tambor na mão e muita idéia na cabeça

Tambolelê, Tambolelê, Tambolelê... Se repetir várias vezes o nome desse grupo, faz-se um ritmo. A sonoridade foi uma preocupação de Sérgio Pererê, Santonne Lobato e Geovanne Sassá ao escolher o nome do grupo de percussão que formaram para tocar os ritmos dos tambores de Minas.

Santonne e Pererê são cunhados e já desenvolviam alguns trabalhos juntos. Pererê tinha uma banda de blues e rock progressivo chamada Avone e Santonne participava em alguns shows, tocando percussão. Santonne fazia palestras e oficinas sobre tambores e construção desse instrumento. Pererê o ajudava.

Em 1995, conheceram Sassá em um encontro de Afoxé dos Filhos de Zumbi, organizado por Djalma Corrêa, uma referência da percussão afro-brasileira, que levou os tambores mineiros para o mundo, chegando a tocar com Peter Gabriel. Djalma foi um cara importante na história do Tambolelê, não só pelo seu trabalho musical, como também por proporcionar o encontro dos três percussionistas, que começaram a trocar figurinhas. Sassá participava ativamente de grupos de teatro e começou a acompanhar Santonne e Pererê nas palestras que faziam. E os dois cunhados acompanhavam Sassá na apresentação do seu personagem "Xuxa África". Eles eram os paquitos.

Um dia, Sassá chegou dizendo que o pessoal da Filosofia da UFMG estava organizando uma calourada e queria que, entre as apresentações das bandas de rock, houvesse algo diferente. Sem ensaio ou qualquer preparação, os três amigos subiram no palco e tocaram uma hora e meia de um som só de percussão. O sucesso foi geral e, quando desceram, já havia gente querendo contratar outros shows. Eles se tornaram "uma surpresa" que se apresentava entre as bandas principais nas festas universitárias. Isso aconteceu poucas vezes.

No final de 1996, os três participaram do Festival de Arte Negra – FAN, em BH. Lá, perceberam a riqueza dos ritmos afro-mineiros. A semente estava lançada para a formação do grupo, porém, não foi assim tão rápido.

Sérgio Pererê foi para Salvador dar uma oficina e passava por um momento de mudança em sua carreira artística.



Arquivo Tambolelê



Foto: Alfredo Dornelesê

EM MOVIMENTO

TAMBOLELÊ

MARIANA PIMENTA

Queria valorizar mais o palco e Sassá trazia essa característica do teatro. Encontraram-se na capital baiana e, de lá, foram para o Ceará, onde se apresentaram tocando djembê. Foi uma surpresa para o público cearense, que se perguntava de onde vinha esse novo jeito de tocar tambor. Nesse momento, Sassá e Pererê perceberam que o tambor que se toca em Minas é diferente e tem uma identidade própria. Voltaram com a idéia de explorar mais esse ritmo e resolveram organizar o grupo. Sassá já havia composto algumas músicas inspiradas na cultura afro-mineira. Maurício Tizumba apadrinhou o grupo que nascia em 1996 com o nome de Tambolelê.



Foto: Alfredo Dornelesê

A idéia do nome surgiu de um instrumento chamado Tabuletê. Gostaram da sonoridade do nome, porém o radical "tabu" não agradava aos amigos. Decidiram usar a palavra tambor, pelo caráter lúdico do instrumento. Lelê foi um complemento que fechou bem a sonoridade da palavra. Depois, com o nome já escolhido, descobriram que "lelê", em um dialeto africano, significa roliço, o que casou bem com a idéia deles de ser um tambor que circula, que é forte. Com o tempo, eles ficaram sabendo que tambolelê é um instrumento de corda japonês.

Cada um por si e todos por um

Quando formaram o grupo, cada um dos três componentes desenvolvia projetos pessoais que não ficaram prejudicados com a formação do Tambolelê. Descrevendo resumidamente: Santonne Lobato continua como reconhecido construtor de instrumentos de percussão, realiza palestras e oficinas e desenvolve trabalhos com outros músicos. Sérgio Pererê tem o seu trabalho solo como cantor e compositor e ainda é o vocalista do Sagrado Coração da Terra, tem suas composições gravadas por outros artistas, como Titane, e produz e participa de espetáculos musicais. Geovanne Sassá é professor de música em uma escola particular em BH, diretor musical do Grupo de Teatro Kabana e dirige e atua em espetáculos teatrais.

Os três são responsáveis pelo Centro Cultural Tambolelê. Eles já traziam uma experiência com projetos sociais e, quando começaram a se estruturar melhor como grupo musical, resolveram que estava na hora de dividir o conhecimento adquirido. A idéia, a princípio, era montar um bloco para sair no carnaval. Deram o nome de "Bloco Oficina Tambolelê". O bloco ensaiava na rua, no bairro Novo Glória, e guardava os instrumentos em espaço de garagens emprestados pelos vizinhos.

Era novembro de 1999. No início, apenas nove pré-adolescentes ensaiavam com os três integrantes do Tambolelê. De repente, já eram mais de

EM MOVIMENTO

TAMBOLELÊ

MARIANA PIMENTA

70 crianças, pré-adolescentes, adolescentes, jovens e adultos que começaram a aprender a tocar tambores. Alugaram uma casa, na rua Passo Fundo, 124, Novo Glória. Ao contrário do que pode parecer, ao sair da rua para um espaço fechado, as portas se abriram. Criaram o Centro Cultural, que é uma espécie de praça, um espaço público, onde as pessoas circulam e podem ir a qualquer momento. Lá, os três músicos possibilitam o acesso das pessoas a atividades que normalmente são pagas, mas que fazem parte da cultura comum, como contato e uso de instrumentos, aulas de canto, percussão, dança afro, Tai-Chi-Chuan, capoeira angola, entre outros. Uma regra é bem clara: dentro do Centro Cultural Tambolelê não circula dinheiro. Todos devem entender que ali é um espaço sagrado e se faz arte pela arte.

Os frutos são muitos. O Bloco Oficina só cresce. Realiza ensaios todas as quartas e sextas e se apresenta durante todo o ano. As músicas tocadas pelo Bloco são releituras de ritmos tradicionais de Minas. São traduções de questões contemporâneas para o tambor.

Várias pessoas, a partir do projeto, escolheram a música como profissão e continuam evoluindo nessa arte. Tem alunos do Centro que prestaram vestibular para licenciatura em música e alguns já estão cursando faculdade nessa área. Outros já são monitores no projeto. O Tambolelê indica seus discípulos para participação de espetáculos, desenvolvimento de oficinas, gravação com outros músicos e, assim, gera empregos e trabalho para os jovens que estão começando na carreira musical. Também surgiram novos grupos a partir das oficinas no Centro Cultural, como o "Chica da Silva", formado apenas por meninas. Neste ano de 2006, os alunos da oficina de canto estão montando um espetáculo. Todos os que passam pelo projeto social, que é patrocinado pela TIM, tornam-se formadores de opinião e ficam mais fortes na luta contra a marginalização.

Os pesquisadores imaginários

Para Sérgio Pererê, os integrantes do Tambolelê conseguem conciliar tantos projetos, sejam pessoais, sociais, profissionais, individuais ou em conjunto, porque usam da magia. Sempre cheios de idéias, possuem uma capacidade admirável de abstrair e concretizar.

O segredo dessa mágica é encontrar o "cristal", um ponto do universo de onde se vê tudo. "É como se uma coisa estivesse dentro da outra. De repente se descobre que tudo é uma coisa só", explica Sérgio. O Tambolelê encontrou o seu cristal, por isso tem embasamento social, político, artístico, cultural e histórico. Em cima do palco, tocando, Sérgio, Santonne e Geovanne são meninos de novo. Gritam, choram, brincam. São livres. Descubram que o artista é um ser ativo dentro de sua arte.

EM MOVIMENTO

TAMBOLELÊ

MARIANA PIMENTA

O Afro-Reggae

Afro-Reggae é uma banda do Rio de Janeiro que se interessou pelos tambores de Santonne, que foi convidado para ir até lá dar uma oficina em 1998. O grupo ainda buscava uma identidade própria. Tinham um trabalho muito parecido com o Olodum, da Bahia, porém não tinham identificação com os tambores baianos. Então, chamaram os outros dois integrantes do Tambolelê para os ajudarem nesse processo de busca da identidade. Foi praticamente um mês de trabalho intenso que serviu de preparação para a participação do Afro-Reggae na Copa do Mundo na França, em 1998. O Tambolelê também foi convidado para ir ao Mundial, porém decidiu ficar e realizar oficinas no Festival de Inverno da UFMG, que ainda acontecia em Ouro Preto. Foi muito importante para o grupo ficar em Minas, pois a participação do Festival de Inverno fortaleceu a imagem do Tambolelê como um grupo de destaque no estado, além de ter sido uma porta para novos contatos.

“Tambolelê” e “Kianda”

O primeiro disco do grupo chama-se “Tambolelê” e revela o caráter inicial do trabalho de descobrir algo sagrado, os tambores de Minas, e também fazer e ser uma brincadeira. O CD foi produzido pelo músico e baixista Ivan Corrêa em 2001. A maioria das composições é de autoria de Sérgio Pererê, que teve o cuidado de deixar as músicas em aberto para que os colegas também fizessem parte da autoria. Buscaram valorizar a sonoridade acima de tudo, tanto dos tambores quanto das palavras. Um exemplo dessa composição a seis mãos e da preocupação com a sonoridade é a música “Carijós com Paraná”.

A música do Tambolelê nesse primeiro trabalho une o sagrado, o ritmo afro-mineiro, com letras modernas, inspiradas no cotidiano, na cidade, nos sons que povoam o nosso dia-a-dia. O tambor, para o grupo, representa a voz de seus ancestrais e é a base que encontraram para transcender. Eles o chamam de “DNA cósmico”, pois é uma herança viva da África, de negros felizes, antes de serem condicionados à escravidão. Para o Tambolelê, o tambor é como se fosse uma extensão de seus corpos e é um instrumento que permite falar em várias línguas sobre tudo. O próprio formato redondo dá a idéia de mundo, de algo que engloba tudo.

A expressão corporal, o corpo em si, é um elemento cultural importante para o trabalho do grupo. Os ancestrais africanos vieram para o Brasil como escravos e aqui tiveram que se adaptar a essa condição. Hoje, seus descendentes são livres e o corpo pôde voltar à condição tribal e expandir toda a sua magnitude. “É como se fosse um corpo adormecido em uma geleira que, de repente, se quebra e se liberta”, define Pererê.

EM MOVIMENTO

TAMBOLELÊ

MARIANA PIMENTA

A dança, o tambor e traços da cultura africana no Brasil são a presença do negro livre, sem o ranço da escravidão, e representam a forma tribal do africano de interagir com a natureza. A África é vista como uma entidade, uma fonte de inspiração e energia.

Já o segundo álbum chamado "Kianda" começou como um espetáculo, em 2002. Kianda é uma entidade da mitologia angolana que se parece com a sereia, porém, para o Tambolelê, também representa a pessoa que anda, que encontra dificuldades em seu caminho e goza do prazer na chegada. O espetáculo foi dirigido por Gabriel Vilela e traz algumas das músicas que foram para o segundo disco do grupo. O show "Kianda" não foi para muitos lugares porque tinha um cenário e figurino muito grande, o que encarecia a apresentação, além de um dos maiores tambores do mundo, construído por Santonne.

Nesse segundo trabalho, lançado em 2004, Pererê incluiu uma sonoridade diferente em suas composições, a guitarra. Para tocá-la, o Tambolelê convidou Egler Bruno, que ainda desenvolve trabalhos com o grupo e vai aparecer também no próximo CD, ainda sem previsão de lançamento. Outra característica do "Kianda" foi uma preocupação maior com a mensagem passada nas letras. Os quatro elementos da natureza - ar, fogo, terra e água - estão presentes nas músicas que se completam, como se elas fossem uma caminhada pelas forças da natureza.

"É muito honesto dizer que a nossa música não existe", falou Sérgio Pererê para Tizumba, durante uma conversa. Ele quis dizer que a música do Tambolelê não se encaixa em nenhuma especificação, está em processo de criação. As bases das composições do Tambolelê são as vivências tão distintas de cada um dos componentes do grupo, a ancestralidade africana, os tambores de Minas, o folclore e o cotidiano em uma cidade grande. O disco "Kianda", por exemplo, tem só tambores e guitarra, algo único no universo musical.

O próximo disco também vai ter muitas novidades. As letras estão todas prontas e Pererê garante que o CD vai ser ainda mais carregado em letras que o "Kianda". "Vamos ter a participação de músicos diferenciados e as músicas tem uma forte relação com a nossa ancestralidade", adiantam.



*Nova formação do Tambolelê, os três percussionistas e o guitarrista Egler Bruno.
Foto: Alfredo Dorneles.*

EM MOVIMENTO

TAMBOLELÊ

MARIANA PIMENTA

Milton Nascimento e o tambor gigante

A idéia de fazer um tambor gigante para o “Kianda” foi de Santonne Lobato. “Coisa do artista com a sua obra. Não tem um por quê”, diz Pererê. Dentro do espetáculo, o tambor aparecia como uma lua cheia: depois que era tocado e parecia uma bola branca enorme.

Dentro da turnê do “Kianda” estava um show no Palácio das Artes e para lá foi o tamborzão. Milton Nascimento era um dos espectadores e encantou-se ao ver o grande tambor. Depois do show, pediu para tocar aquele instrumento enorme. Fez vários elogios e convidou o grupo para algumas parcerias.

A primeira delas foi a participação em um especial de Natal da Xuxa, para a Rede Globo, em 2005. Milton havia sido convidado, porém, colocou como condição a ida também de Maurício Tizumba e do Tambolelê. Assim, foram para o Rio de Janeiro. Milton fez questão que o ensaio fosse em sua casa e preparou uma feijoada para depois do ensaio. Durante o jantar, Milton perguntou para os integrantes do Tambolelê, que saboreavam a feijoada: “E o tamborzão, mandou algum recado para mim?” Sem entender direito, os tambolelês desconversaram. Milton os chamou para dar uma volta pela casa e mostrou um espaço vazio, onde caberia perfeitamente o tambor gigante. Parou em frente a esse local, ao lado do qual estava o figurino do show “Tambores de Minas” e falou: “Vocês não acham que o tamborzão ficaria perfeito aqui?” Novamente eles desconversaram.

Milton Nascimento convidou o Tambolelê para apresentar-se com ele em um show em Nova York. Os três foram, porém voltaram às pressas, pois tinham outros projetos para terminar. Ainda em 2005, Milton participou, sem cobrar cachê, do projeto “Mil tambores”, idealizado por Santonne, em que o Tambolelê promoveu um encontro de percussionistas e um show com mil tambores, vindos de todas as partes do estado.

Mas a parceria não acabou por aí. Milton convidou o grupo para um show e disse que tinha uma surpresa. Um pouco antes de entrarem no palco, ele chamou Pererê e disse que gostaria de cantar “Costuras da vida”, composição de Sérgio que ele já havia elogiado antes. Pererê concordou, ressaltando que ficaria muito feliz. Milton chamou-o então para que cantassem juntos, pois ainda tinha dúvidas em algumas partes. Estavam organizando como seria a apresentação, quem cantaria qual parte, quando a produtora de Milton chegou e perguntou a Pererê se ele liberava a música para ser gravada pelo cantor. Essa era a surpresa: Milton Nascimento queria gravar uma música de Sérgio Pererê.

Depois do show, saíram para jantar e Pererê chamou Santonne e Sassá

EM MOVIMENTO

TAMBOLELÊ

MARIANA PIMENTA

para conversarem e sugeriu dar o tamborzão a Milton, como uma forma de selar a amizade, como um símbolo da aliança entre eles. E assim foi feito. Hoje o tambor gigante fica na casa de Milton Nascimento, no espaço que estava vazio. "Temos propostas de novos trabalhos com o Milton. Surgiram novas idéias e ano que vem teremos algumas surpresas", conta Sérgio.

Projeto Tim Tambores

O mérito desse projeto, que começou em 2005, é de Santonne Lobato, que concebeu a idéia e enviou para a Lei de Incentivo à Cultura. Depois de aprovado, recebeu o patrocínio da Tim. A idéia é viajar pelo interior promovendo oficinas e palestras sobre o tambor de Minas. Maurício Tizumba e Titane entraram com o Tambolelê nessa proposta.

Em 2005, o projeto culminou no encontro "Mil Tambores", realizado em BH, com a participação dos alunos das oficinas no interior. Em 2006, Tizumba, Titane e Tambolelê estão visitando 60 cidades e realizaram, nos dias 19 e 20 de agosto, dois eventos de divulgação do tambor. Um foi o Festival de Samba, com bandas locais, que faz parte do trabalho de valorização dos tambores mineiros, e o outro foi o Festejo do Tambor Mineiro.

Trabalhar o tambor é uma forma que o Tambolelê encontrou de ajudar as pessoas a aumentarem a auto-estima, pois, para isso, é preciso conhecer suas origens, valorizar o passado. A cultura negra é universal, principalmente em um país de descendentes africanos, como o Brasil. "Hoje vivemos uma escravidão da imagem, da mídia. Quando uma pessoa resgata a cultura de seus ancestrais, entra em outra realidade, quebra essa corrente imposta pela TV", fala Pererê. Afinal, a arte é uma forma de libertar-se e através dela descobre-se que não é preciso viver enquadrado.

*Arquivo Tambolelê
(fotos de divulgação do site do grupo).*

